

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Administração

**CORES E VALORES: SOBRE ARTE E SUBVERSÃO EM  
MONTES CLAROS**

César Saraiva Lafetá Júnior



**Cores e valores: sobre arte e subversão em Montes Claros - MG**  
Colors and values: about art and subversion in Montes Claros - MG

Thiago Gonçalves da Silva<sup>1</sup>  
César Saraiva Lafetá Junior<sup>2</sup>  
Felipe Fróes Couto<sup>3</sup>

## RESUMO

O grafite e o picho são formas de comunicação escrita e simbólica, que possuem um peso de representatividade quanto ao ambiente do pintor. É possível observar comumente a utilização de figuras em tintas sprays, que mostram objetos, faces e ambientes, além de frases de efeito e impacto, acompanhadas de uma assinatura que possibilite a identificação do artista. O presente artigo objetivou analisar a arte de rua sob a ótica dos seus idealizadores e entender o significado dela para os indivíduos que pintam as ruas da cidade de Montes Claros/MG. Esse trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa exploratória e qualitativa. Foram reunidos dados imagens de Pichações e Grafites e de entrevistas qualitativas semiestruturadas realizadas com sujeitos de pesquisa que realizam trabalhos dessa natureza no referido município. Observou-se que, apesar dos esforços realizados pelos artistas de rua, ainda há um preconceito social que considera o grafite/pichação como uma forma de vandalismo, ainda ligado à marginalidade e à violência. Porém, boa parte dos murais feitos por esses artistas possui mensagens que tratam sobre injustiças, dificuldades sociais ou, até mesmo, o lado humanitário de situações e projetos sociais. Todos estes casos exemplificam o uso do grafite/pichação/arte de rua como forma de expressão e protesto contra situações que causam desconforto ou revolta provocados, na maioria das vezes, pelo governo, política ou comportamento social local/nacional.

**Palavras-chave:** Subversão. Grafite. Arte Urbana.

---

<sup>1</sup> Bolsista do Pronoturno do ICA-UFMG. Discente do curso de Administração da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. E-mail: [thiagogdasilva@hotmail.com](mailto:thiagogdasilva@hotmail.com)

<sup>2</sup> Bolsista do Pronoturno do ICA-UFMG. Discente do curso de Administração da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. E-mail: [czarsaraiva.junior@gmail.com](mailto:czarsaraiva.junior@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor de Educação Superior da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. Mestre e Doutorando em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. E-mail: [felipe.couto@unimontes.br](mailto:felipe.couto@unimontes.br)

## ABSTRACT

The graffiti and the spray-paintings are forms of written and symbolic communication, which possesses a weight of representativeness regarding the environment of the painter. It is possible to commonly observe the use of paint figures made of sprays that show objects, faces and environments, as well as catchphrases and impact, accompanied by a signature that enables the identification of the artist. This article aimed to analyze the street art from the perspective of their creators, and to understand the meaning of it for individuals who paint the streets of the city of Montes Claros/MG. This work was done from an exploratory and qualitative research. Data were gathered from images of Graffiti and Spray-Paintings and qualitative semi-structured interviews carried out with research subjects who perform this kind of work in that municipality. It was observed that, despite the efforts made by street performers, there's still a social bias that considers the graffiti/spray-paintings as a form of vandalism, still linked to delinquency and violence. However, most murals made by these artists have messages that treat about injustices, social unrest or even the humanitarian side of situations and social projects. All these cases exemplify the use of graffiti/spray-paintings/street art as a form of expression and protest against situations that cause discomfort or revolt caused, in most cases, by the Government, politics or local/national social behavior.

**Keywords:** Subversion. Graffiti. Urban Art.

## INTRODUÇÃO

A arte de rua, aqui compreendida como pichação e grafite, é segundo VIEGAS (2014), hegemonicamente vista sob uma perspectiva criminosa, de violação do direito patrimonialista. Esse tipo de manifestação pode ser encontrado nos grandes centros urbanos em prédios, muros, *outdoors* ou outros ambientes que apresentem um maior desafio ao pichador e uma maior dificuldade de reação dos órgãos fiscalizadores. Entretanto, as pinturas e as pichações podem ser consideradas como uma forma de expressão contemporânea que decorre dos grupos com

menor força de intervenção e representatividade social – periféricos (LAZZARIN, 2007). Nesse sentido, trata-se de uma maneira encontrada por esses grupos de serem ouvidos pelas pessoas. Nos grandes centros urbanos, esses grupos que representam uma parcela de uma comunidade reprimida ou socialmente estigmatizada partem para locais – públicos ou particulares – a fim de retratar seja a sua realidade, opiniões adversas ao atual sistema político-econômico, representação do seu lugar ou status, frente a outros grupos sociais representativos.

Como parte da disciplina de “Administração Política”, ministrada aos acadêmicos bolsistas integrantes do Pronoturno no curso de Administração do Instituto de Ciências Agrárias da UFMG, propôs-se aos alunos que os mesmos se permitissem conhecer as formas de organização da sociedade por meio da expressão espontânea do urbanismo. Compreender o organizar na cidade por meio da experiência prática permitiria, aos acadêmicos, conhecer mais sobre políticas de inclusão social em relação àqueles que se encontram em situação de marginalidade ou cuja conduta é comumente julgada como delincente. Entender e superar preconceitos em relação à arte na rua se tornou uma forma de compreender melhor a efetividade e a necessidade de programas que utilizam a arte de rua como forma de integração social, como oficinas e capacitações, especialmente pela busca da profissionalização do grafismo.

O grafite e o picho são formas de comunicação escrita e simbólica, que possuem um peso de representatividade quanto ao ambiente do pintor. É possível observar comumente a utilização de figuras em tintas *sprays*, que mostram objetos, faces e ambientes, além de frases de efeito e impacto, acompanhadas de uma assinatura que possibilite a identificação do artista. Essa arte, no entanto, possui “códigos de ética” restritos, onde os artistas buscam não interferir ou estragar a arte de outro. Trata-se de uma forma de organização informal, onde o ambiente e a arte são respeitados. Em alguns casos, é vista uma hierarquização, onde quanto mais um grupo ou um grafiteiro tiver pintado, maior é a relevância desse em comparação aos demais. É levada em consideração também a localização destas pinturas, sendo mais valorizadas quando realizadas em locais mais altos onde possam ser vistas com maior facilidade e em locais de difícil acesso. A arte de rua busca uma reviravolta do atual sistema existente. Os artistas protestam, visualmente, de forma a transparecer suas ideias.

Atualmente, pode também ser vista em alguns locais a utilização do grafite como meio publicitário. No entanto, isso acaba por se diferir do tipo de grafite tradicional por ter usos comerciais diferentes da visão peculiar do autor (VIEGAS, 2014). Outra maneira muito usual do picho está presente nas instituições públicas, como escolas, universidades, órgãos governamentais, entre outros, seja nas paredes, carteiras, banheiros ou pontos de ônibus e ônibus

escolares. Qual a finalidade de um indivíduo registrar suas marcas nesses locais? Perguntas como essa despertam a curiosidade, portanto, de se conhecer a perspectiva do grafiteiro e a sua realidade, antes de se naturalizar um preconceito da sua atividade. Todo o contexto social, em volta dessa arte, passa despercebido ou ignorado por quem é o julgador, que geralmente não está familiarizado com a função social que essa arte tem, ou com as ideias que ela apresenta. Assim como tem pouco conhecimento das razões que tornam a arte de rua uma das únicas formas de se manifestar possíveis a vários indivíduos.

Com essas reflexões, o presente artigo objetivou analisar a arte de rua sob a ótica dos seus idealizadores e entender o significado dela para os indivíduos que grafitam e picham na cidade de Montes Claros/MG. Este trabalho visa, portanto, compreender qual o significado da pichação, do grafite e da arte de rua a partir do ponto de vista dos artistas que criam essas manifestações. Foram levantados exemplos de artes de rua realizadas na cidade de Montes Claros e foram coletados depoimentos sobre a ótica desses artistas, qual o significado dessas manifestações e quais foram os motivos que levaram tal manifestação artística a surgir.

### **SOBRE PICHAÇÃO E GRAFITISMO (Arte e Cores na Cidade)**

A pichação e o grafitismo são considerados atividades contemporâneas. No entanto, desde a pré-história, o ser humano retratou a sua percepção através de inscrições ou desenhos em rochas, onde grafavam animais, modos de vida, dentre outras retratações. As pinturas rupestres, então atuaram como uma importante forma de expressão dos meios de vida desde a pré-história. Nesse sentido, há de se salientar que “a relação entre grafite e piche foi aproximada pelo movimento hip hop, que incluiu o grafite como uma de suas formas de expressão” (SPINELI, 2007, P. 118). A pichação é o desenho de letras ou assinaturas de caráter monocromático, que podem ser feitas com spray ou rolo de pintura (SPINELI, 2007).

A pichação geralmente possui uma conotação mais politizada, além de competição entre aqueles que conseguem atingir os locais de acesso mais difícil (como o alto de edifícios) – até o simples ato de vandalismo em prédios públicos e monumentos (LAZZARIN, 2007).

**FIGURA 01:** Exemplos de Pichações em Montes Claros

**Fonte:** Acervo dos Autores, 2016

Segundo Cruz e Costa (2008) e da Costa (2007) a imagem negativa que a pichação carrega consigo não surgiu por acaso, mas sim de um contexto de repressão principalmente política. Foi durante o regime militar que a prática se difundiu em resposta à repressão sofrida, seja com spray ou com o próprio piche, escritos de resistência eram espalhados pelos muros e paredes das cidades. Com isso, atividades de pichação foram sendo consideradas ações criminosas e de vandalismo, concepções essas fortalecidas no tempo até os dias atuais.

Diferentemente da pichação, o grafite é considerado obra de arte. O grafite, que deriva da palavra italiana “*graffito*”, é utilizado para designar desenhos feitos ao ar livre, adicionados com um certo zelo pela sua obra. O artista geralmente quer mostrar aquilo que está pensando, propondo-nos uma reflexão no intuito de causar um incômodo moral e/ou promover uma mudança dos moldes atuais da sociedade. Cruz e Costa (2008) destaca que o grafite é caracterizado por traçados de linhas simples, algumas vezes registrando uma escrita rápida, outras vezes mais elaborada, cujo significado sempre contém mensagens cifradas ou códigos secretos entre os participantes do movimento, que integram uma dinâmica maior entre si.

**FIGURA 02:** Exemplos de Grafites em Montes Claros

**Fonte:** Acervo dos Autores, 2016

Enquanto a pichação ocupa um espaço de marginalização da arte, o grafite ocupa a contramão dessa história, foi a partir dos anos 80 que houve a sua popularização como meio artístico de expressão, principalmente após o seu reconhecimento pelo sistema de arte do nosso país (da COSTA, 2007). Por outro lado, Tavares (2010) aponta que a pichação, sem sua marginalidade e seu caráter proibido, perde sua resistência na colocação de sua marca pela cidade. A dinâmica da pichação reside na disputa pelos espaços ocupados por entidades, que muitas vezes não despertam nos atores representatividade alguma, espaços elitizados, ocupados por propagandas, *outdoors*, entre outros.

Grafite e Pichação seguem caminhos opostos no que diz respeito à aceitação e reconhecimento diferenciando-se na forma, apesar de convergirem ao apresentar objetivo semelhante: a comunicação. Esse tipo de arte pode ser considerado uma forma de expressão, pois retratam uma história ou mostram uma aversão a determinada estrutura social:

O que para alguns pode ser considerado poluição visual, para outros é apenas um reflexo lógico das novas formas de habitar um ecossistema urbano pós-moderno, profundamente marcado pela economia capitalista de mercado e seus devidos elementos iconográficos e vídeo-lúdicos. O grafiteiro e o pichador fazem apenas reproduzir os mesmos modelos de comunicação nos quais foram educados. Os painéis de escritos publicitários, que reluzem marcas e produtos, quando criados pela tribo urbana, que pinta a cidade, passam a refletir nomes e marcas pessoais. (SPINELI, 2007, p. 117)

Expressões da arte de rua como resistência à urbanização excludente estão presentes em manifestações culturais, como no caso de uma das tirinhas do artista André Dahmer (FIG. 03). Nesse exemplo, um dos personagens problematiza sobre como a sociedade julga pichadores e grafiteiros, e também como essa mesma sociedade não reflete sobre a arquitetura dos muros das cidades. Cidades que muitas das vezes não são inclusivas com os próprios sujeitos que praticam essas modalidades de arte considerada “subversiva”.

**FIGURA 03:** Tirinha da serie Malvados



**Fonte:** André Dahmer - Malvados, 2016

Essas impressões tratam de assuntos polêmicos que persistem no meio da sociedade em murais, pontes ou até mesmo nas escolas, onde os estudantes retratam as “problemáticas por eles vivenciadas, tais como questões identitárias, sexualidade, namoro, paqueras, solidão etc.” (MARTINS, 2010, p. 6). Uma pichação é marcada por simbolismos e assinaturas, que marcam e identificam a procedência do sujeito e quem colaborou na realização do trabalho. Para Fernandes (2014), um dos motivos que levam o sujeito a ser visto como criminoso é que, muitas vezes, há disputas e competições entre determinados grupos de pichadores que se organizam calcados em um ideal de liberdade de expressão, utilizando-se de sua arte para protestar.

Seja pelo seu histórico ou por sua espontaneidade, a prática se transforma num grito social, uma denúncia de problemas que não interessa aqueles de maior representatividade econômica, visto que pichadores e grafiteiros não querem nos vender nada, mas apenas ocupar a cidade com a mesma força das empresas, visto que se sentem tão donos do espaço público quanto aquelas (TAVARES, 2010). A sua delinquência, afinal, é vista como uma maneira de resistência às delimitações econômicas dos espaços estéticos na cidade (PEREIRA, 2010).

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

Esse trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa exploratória e qualitativa, que se iniciou a partir do levantamento bibliográfico e culminou na pesquisa de campo. A pesquisa de campo foi iniciada a partir da identificação e registro de pinturas nos muros da cidade de Montes Claros – MG. Em seguida, foram reunidos dados de entrevistas qualitativas semiestruturadas realizadas com sujeitos de pesquisa que desenvolvem trabalhos de Grafite e Pichadores no referido município. Foram entrevistados 04 desses artistas de rua da cidade de Montes Claros. A amostra é não-probabilística e intencional, ou seja, voltada para casos escolhidos diretamente pelos autores pela conveniência e facilidade de acesso aos dados, e o caráter qualitativo desta pesquisa, apesar de não garantir a transposição ou generalização dos achados, permitiu uma maior profundidade de análise em relação à percepção dos sujeitos de pesquisa em relação à arte e subversão nas ruas.

Como meio de análise das entrevistas, foi feito uso da análise de conteúdo e construção de narrativa analítica a partir das entrevistas. Os achados de pesquisa foram sistematicamente lidos e os pontos nodais das construções subjetivas foram trazidos para a análise, de maneira a clarificar os principais pontos abordados ao longo das entrevistas.

As siglas para os entrevistados se deram da seguinte forma: “P” para pichadores; “A” para artistas profissionais e “G” para profissionais grafiteiros. Foram coletadas, ao todo, 04 horas de entrevistas realizadas em sessão única com cada um dos entrevistados.

## **RESULTADOS E ANÁLISE**

Durante as entrevistas, foi observado que todos os entrevistados tiveram influências artísticas desde a infância (ENTREVISTADOS P1, A1, G1 e G2). Essas influências envolveram gosto natural por desenho, escrita e em alguns dos casos houveram incentivos por parte de professores na própria sala de aula ou por políticas públicas do município. A partir dessas experiências os entrevistados passaram a se envolver com projetos que desenvolviam e exploravam essa arte. Um deles (Entrevistado G1) relata que conheceu o Grafite através do Projeto FICA VIVO, do qual foi aluno, eventualmente se tornou multiplicador e logo após um

oficineiro do programa. Além da clara influência artística, para muitos artistas a arte de rua traz um aspecto de representação política e social:

[...] resolvemos utilizar a pichação, como ferramenta de agitação e propaganda, com o objetivo de demarcarmos nossa posição e deixar claro para a sociedade montes-clarense que existiam pensamentos favoráveis ao enquadramento da Mata Seca dentro da legislação da Mata Atlântica e também denunciar o projeto de devastação ambiental dos ruralistas. (ENTREVISTADO P1, 2016)

O entrevistado se refere a uma época em que a Sociedade Rural de Montes Claros estava “realizando uma campanha contrária a recém sancionada Lei da Mata Seca, na qual eles colocaram outdoors em toda a cidade sendo contrários a esta lei, dizendo que ela “prejudicava os agricultores e estava matando os produtores do norte de Minas Gerais” (ENTREVISTADO P1, 2016). A lei da Mata Seca, na verdade, buscava combater o desmatamento desenfreado de um dos importantes ecossistemas brasileiros, que é extremamente endêmico da região norte de Minas Gerais, de maneira que a Mata Seca foi entendida como Mata Atlântica e ser enquadrada na mesma legislação pertinente da Mata Atlântica aumentava a fiscalização e as penas do desmatamento. A coordenadora do curso do qual P1 participava era favorável a lei e, na avaliação dos alunos, era uma medida necessária para uma maior fiscalização do desmatamento.

Acredito na pichação, no muralismo ou grafite como ferramentas de comunicação social, desenvolvidas por aqueles que não são detentores dos meios de comunicação, de maneira que a busca pela expressão de suas ideias, posicionamentos políticos, demonstrações de arte, demarcações de territórios, dentre outros elementos fizeram o ser humano desenvolver estas ferramentas alternativas, importantes peças do que chamamos de agitação e propaganda. (ENTREVISTADO P1, 2016)

A arte de rua, para os entrevistados, representa, portanto, uma oportunidade e alternativa que lhes garante voz e espaço. Nesse sentido, questionamos a respeito em qual cunho – político ou artístico – está inserido o trabalho deles. As respostas variaram no sentido que alguns respondentes consideram uma alienação querer distanciar a política da arte (ENTREVISTADOS P1, G1 e G2), visto que essa divisão seria “como criar uma máscara, pois ambas estão entrelaçadas” (ENTREVISTADO G2, 2016) e, como as ideias, valores ou posicionamentos políticos expressos pelas pichações/grafites vão em confronto com os padrões gerais observados nos grandes meios de comunicação, busca-se criar essa necessidade de dissociar as duas coisas. Afinal, “a arte desperta na política uma preocupação com a cultura, que muitas vezes não encontra apoio do poder público” (ENTREVISTADO A1, 2016).

Indagados sobre a associação da imagem do pichador, grafiteiro ou artista de rua ser muitas vezes associada à imagem do marginal ou do vândalo, a maior parte dos entrevistados se mostraram indignados (ENTREVISTADOS P1, G1 e G2). As respostas obtidas foram no sentido

de que os respondentes acreditam que essa imagem é associada à falta de informação ou da divulgação de informações distorcidas sobre a arte na rua. Principalmente porque a pichação é vista como algo que degrada o patrimônio público.

Acredito que essas ferramentas existem e continuarão a existir enquanto houver resistência, elas foram criadas por aqueles que lutam, que buscam de alguma forma ou de outra mudar as coisas, mudar padrões, valores, dar nova vida para onde não existe mais. Os muros são os canais de televisão, as cores vibrantes do grafite, são nossas ondas de rádio e assim será, o ser humano é um ser social e necessita de muitos mecanismos de comunicação! (ENTREVISTADO G1, 2016)

Em Montes Claros, os artistas locais trabalham muito com arte de rua em períodos de festas tradicionais como os Catopés e a Festa do Pequi, mas só agora o grafite está tomando maior visibilidade. Segundo a Entrevistada G2, o prefeito Athos Avelino (2005-2008) disponibilizou recursos mensais para o grafite durante seu mandato – inclusive mandou pintar todos os viadutos da cidade com grafite. Mas, durante o mandato do prefeito Luís Tadeu Leite (2009-2012), foram apagados todos os grafites contidos nesses viadutos:

Inclusive, um deles representava o próprio Tadeu varrendo o dinheiro da cidade para baixo do tapete. Ele se localizava próximo à linha do trem. Imediatamente após assumir, o ex-prefeito Tadeu mandou pintar todos os grafites de branco, mas agora a cena está se levantando mais uma vez por conta própria. (ENTREVISTADA G2, 2016)

Um incentivo atual para a preservação da Arte na Rua encontra-se no Projeto FICA VIVO, que é um projeto vinculado à Secretaria do Estado e da Justiça Social em que se encontram oficinas de grafite, de break, de trança, de música, etc. e que tem como ideia colocar CPCs (Centros Populares de Cultura) em pontos estratégicos dentro da periferia para atender jovens envolvidos na criminalidade. Para isso, oicineiro recebe recursos para promover ações dentro da comunidade. No caso do grafite, sair para pintar com os meninos, fazer visitas, trabalhar com o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) e com mediação de conflito. “Assim os icineiros devem promover ações dentro e fora da comunidade, mas principalmente dentro para quebrar a realidade em relação ao crime” (ENTREVISTADO G1, 2016).

Outro incentivo atual vem da Prefeitura que destina uma verba para projetos de grafite e arte de rua. “Mas ela é alcançada através de projetos, e atualmente não tem nenhum. A prefeitura afirma que investem no centro cultural” (ENTREVISTADO G2, 2016). Os entrevistados também ressaltam que os artistas de menor peso ou que venham da periferia dificilmente têm espaço dentro do centro cultural. Em relação à percepção dos entrevistados sobre o futuro da pichação/grafite na cidade, procuramos saber qual seria a expectativa deles. Segundo

todos dos entrevistados, a arte de rua tende a aumentar (ENTREVISTADOS P1, A1, G1 e G2), principalmente conforme se expandem as agendas políticas populares:

Está crescendo e vai crescer mais. Tem mais gente interessada em fazer e conhecer. E no futuro vai existir a pichação aqui dentro [da cidade]. Com a cidade e o grafite crescendo, ela vai aparecer, que é outra forma de se expressar. Estamos em uma época em que as pessoas precisam falar. Estamos em uma sociedade que oprime, uma sociedade que critica, uma sociedade em que você percebe que o negro claro que a gente chama de branco foi lá na África pegou o negro, trouxe para cá e depois de liberto tirou até o trabalho dele, porque quando era escravo tinha ao menos trabalho. Então você percebe que mesmo esse negro claro hoje critica o trabalho que o negro quer expressar, que se percebe ser uma arte mais do negro. Mais voltada para o hip hop, o break, todas artes de rua. (ENTREVISTADO G1, 2016)

Observa-se, a partir das respostas dos entrevistados, que há um otimismo no sentido de expandir as práticas artísticas na rua, visto que se trata de um movimento que acompanha os conflitos e as agendas políticas de determinado período; assim, o que se observa é que o engajamento político na problematização das diferenças sociais é um fator determinante para a maior ou menor incidência de atos de significação e ressignificação dos muros da cidade. Nesse aspecto, é importante frisar que o ato de pichar/grafitar é considerado como uma forma de expressão do indivíduo, tanto com uma intenção de transgredir como de resistir aos mecanismos cotidianos que, no olhar do artista, nada mais são do que formas de opressão do ser humano.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar dos esforços realizados pelos artistas de rua, ainda há um preconceito social que considera o grafite/pichação como uma forma de vandalismo, ligado à marginalidade e à violência. Porém, boa parte dos murais feitos por esses artistas possui mensagens que tratam sobre injustiças, dificuldades sociais ou, até mesmo, o lado humanitário de situações e projetos sociais. Todos esses casos exemplificam o uso do grafite/pichação/arte de rua como forma de expressão e protesto contra situações que causam desconforto ou revolta provocados, na maioria das vezes, pelo governo, política ou comportamento social seja local, seja nacional.

Nesse sentido cabe lembrar o importante papel de comunicador que o artista de rua exerce, levando através do seu trabalho as vozes daqueles que são marginalizados nas periferias da cidade. Essa voz que é trazida através da arte e mesmo assim muitas vezes considerada invasiva, pode ser associada a uma transgressão moral ou um ato político. Uma exclamação que muitas vezes se manifesta na intenção de realmente gerar desconforto na sociedade, pois só

através de um mal-estar social, de um choque de realidade, que muitas pessoas podem ser levadas a reflexão daqueles aspectos importantes da vida de quem vive às margens da sociedade e não é foco das comunicações da grande mídia.

É importante também ressaltar a importância das ações de incentivo do poder público à arte de rua. Como nos foi apresentado, os resultados dos programas públicos foram muito relevantes, tanto auxiliando a formação e as manifestações de vários de nossos entrevistados, como também cumprindo o seu papel social de revitalização da periferia através de ações voltadas para crianças e adolescentes. Compreende-se também que da mesma maneira que o poder público pode agir em prol da arte de rua e a favor dessa cultura, suas ações também podem ser responsáveis por fechar muitas portas e gerar consequências diretas ou indiretas, seja atuando para calar essas manifestações, seja abstendo-se nessa questão.

## REFERÊNCIAS

BRASILEIRO, Livia T.; MARCASSA, Luciana P. Linguagens do corpo: dimensões expressivas e possibilidades educativas da ginástica e da dança. **Pro-Posições**, v. 19, n. 3, p. 195-207, 2008.

CONTIER, Arnaldo Daraya. O rap brasileiro e os Racionais MC's. **Proceedings of the 1th Simpósio Internacional do Adolescente**, 2005.

CRUZ, D. M.; COSTA, M. T. Grafite e pichação—Que comunicação é esta?. **LINHAS, Florianópolis**, v. 9, n. 2, p. 95-112, 2008.

DA COSTA, Luizan Pinheiro. Grafite e pichação: institucionalização e transgressão na cena contemporânea. 2007. **Disponível em:** <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2007/COSTA,%20Luizan%20Pinheiro%20da.pdf>, acesso em novembro de 2015.

DAHMER, Andre. *Malvados HQ*. Disponível em: <http://www.malvados.com.br/>, acesso em junho de 2016.

TAVARES, Jordana Falcão. Das Galerias para as Lojas: o grafite entre a arte contemporânea e o consumo. **Panorama**, v. 1, n. 2, p. 43-54, 2011.

LAZZARIN, Luíz. Grafite e o Ensino da Arte. **Educação & Realidade**, v. 32, n. 1, 2007.

MARTINS-UEL, João Batista. PICHACÃO NA ESCOLA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE JUVENIL. **Disponível em:**

**em:** [http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Sociologia\\_da\\_Educacao/Trabalho/08\\_18\\_52\\_PICHACAO\\_NA\\_ESCOLA\\_E\\_A\\_CONSTRUCAO\\_DA\\_IDENTIDADE\\_JUVENIL.PDF](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Sociologia_da_Educacao/Trabalho/08_18_52_PICHACAO_NA_ESCOLA_E_A_CONSTRUCAO_DA_IDENTIDADE_JUVENIL.PDF), acesso em novembro de 2015.

MORENO, Rosangela Carrilo. Práticas educativas de protesto na adolescência: movimento Hip Hop. **Disponível em:** [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000082005000200055&Ing=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200055&Ing=en&nrm=abn), acesso em novembro de 2015.

SILVA, Silvana dos Santos; MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Habitus e prática da dança: uma análise sociológica. **Motriz rev. educ. fís.**(Impr.), v. 18, n. 3, p. 465-475, 2012.

SPINELLI, Luciano. Pichação e comunicação: um código sem regra. **Logos**, v. 14, n. 1, p. 111-121, 2007.

TAVARES, Andréa. Ficções urbanas: Estratégias para a ocupação das cidades. **ARS (São Paulo)**, v. 8, n. 16, p. 21-30, 2010.

VIEGAS, Glauce Cristine Ferreira Santos. **Dinâmica urbana e pichação: entre preto fosco e tons de concreto há quem prefira outras cores.** Dissertação do Programa de Mestrado em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2014.